



Influence of entertainment media in identity building of teenagers in the hinterlands of Alagoas

Influência das mídias de entretenimento na construção dos jovens no sertão de Alagoas

SILVA, Ritaciro Cavalcante da⁽¹⁾; COSTA, Isabely Penina Cavalcanti da⁽²⁾;
SILVA, Débora Oliveira da⁽³⁾; OLIVEIRA, Maryana Vieira Ferreira⁽⁴⁾;
BARBOSA, Ranielli Oliveira⁽⁵⁾; SILVA, Victoria do Carmo⁽⁶⁾

⁽¹⁾ 0000-0001-6861-3899; Professor de Educação Básica, Técnica e Tecnológica – Língua Inglesa; Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, BRAZIL, E-mail: ritaciro.cavalcante@ifal.edu.br.

⁽²⁾ 0000-0003-2713-356x; Professor de Educação Básica, Técnica e Tecnológica – Desenho; Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, BRAZIL, E-mail: isabely.costa@ifal.edu.br.

⁽³⁾ 0000-0002-8052-0924; Estudante do Ensino Médio Integrado ao Técnico de Agroindústria; Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, BRAZIL, E-mail: deboraoliveiras987@gmail.com.

⁽⁴⁾ 0000-0003-3989-1202; Estudante do Ensino Médio Integrado ao Técnico de Agroindústria; Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, BRAZIL, E-mail: maryanavieira09@gmail.com.

⁽⁵⁾ 0000-0002-5173-5985; Estudante do Ensino Médio Integrado ao Técnico de Agroindústria; Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, BRAZIL, E-mail: raniellioliveira123@gmail.com.

⁽⁶⁾ 0000-0002-0628-277x; Estudante do Ensino Médio Integrado ao Técnico de Agroindústria; Instituto Federal de Alagoas – Campus Batalha, BRAZIL, E-mail: vick.ducarmo@live.com.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

The paper presents an analysis of how entertainment media can influence their consumers, having a persuasive and ideological discourse. Also, we investigate how media influence the process of identity building of teenagers who hold sway of a network of interactions. Keeping in mind the fact that we live in a globalized world, such influence is more and more intensified with the advent of social media. Searching for findings in the area, we located what is identified as the birth of “mass media”, due to how technological evolution attributed a strong alienation of their viewers, despite being possible to establish a positive relation, in the importance of issues like tolerance, acceptance, equality/differences. The research is done, first with a bibliography review about the phenomenon. After that, were issued on public and private schools in the hinterlands region of Alagoas, between March and May of 2018. Results show that entertainment media are effective in shaping the identity of adolescents in terms of racism, sexism and homophobia.

RESUMO

O trabalho em questão apresenta uma análise de poder exercido pelas mídias de entretenimento, estas possuindo um discurso persuasivo e ideológico, além de investigar o modo que influencia na formação da identidade de adolescentes que assumem uma rede de interações. Tendo em mente que vivemos em um mundo globalizado, ela se intensifica cada vez mais devido às redes sociais. Buscando um estudo dos seguintes quesitos como o surgimento do termo “mídia de massa”, expressão que foi possível com a evolução tecnológica que atribui uma forte alienação dos espectadores, apesar de que pode ser estabelecida uma relação positiva, levando a importância de questões como a tolerância, aceitação, igualdade/diferença. A pesquisa foi realizada primeiramente fazendo a leitura e apuração do material bibliográfico referente ao tema, e foram aplicados questionários nos colégios: Imaculada Conceição e Cônego Jasson, respectivamente nas cidades de Olho d'Água das Flores, Jacaré dos Homens no estado de Alagoas e no Instituto Federal de Alagoas - Campus Batalha, entre março e maio de 2018. Resultados mostram que as mídias de entretenimentos são efetivas em moldar a identidade de adolescentes nos quesitos de racismo, machismo e homofobia.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 24/11/2018

Aprovado: 24/11/2021

Publicação: 02/04/2022



Keywords:

Social media, Identity building, Mass media

Palavras-Chave:

Mídias sociais, Formação de identidade, Mídia de massa

Introdução

A pesquisa tem como temática as mídias de entretenimento, levando em consideração o poder exercido por elas na sociedade. Compreende-se que estas, comumente possuindo discurso persuasivo e ideológico, podem influenciar na formação da identidade dos jovens. Essa condição é intensificada considerando o mundo globalizado, principalmente devido o surgimento e disseminação do uso das redes sociais. A pesquisa teve como recorte espacial o sertão de Alagoas, que, entre realidades e mitos, é uma região com limitações de infraestrutura básica e tecnológica. Dentro desse contexto, o objetivo geral do trabalho foi compreender a influência das mídias de entretenimento, especialmente as redes sociais, na formação da opinião e identidade dos jovens no sertão de Alagoas. A pesquisa foi realizada principalmente através da aplicação de questionários em instituições de ensino localizadas em diferentes municípios dentro do recorte de estudo, além de entrevistas in loco. A partir destes dados, foi feita uma análise e interpretação dos discursos presentes nas falas dos indivíduos pesquisados.

Observando essa evolução tecnocientífica e considerando o atual papel imprescindível dos meios de comunicação como veículos de transmissão e imposição da ideologia dominante, (sobretudo a ideologia do consumo), decidiu-se produzir o presente trabalho, tendo em vista investigar até que ponto essas mídias, (especialmente as redes sociais), influenciam na formação da opinião e identidade dos jovens no sertão de Alagoas.

Entre os objetivos específicos ressaltam-se: Analisar os discursos que circulam na mídia e seu papel na construção de identidades; investigar a frequência diária de uso das redes sociais e quais assuntos são mais recorrentes; e tentar para os interesses e a acessibilidade nas três escolas, questionando os fatores que justificam essas divergências.

Desenvolvimento

Sendo assim, esse estudo refere-se à influência das mídias de entretenimento na construção da identidade dos adolescentes no sertão de alagoas, com foco principal nas obras dos autores Wasserman e Faust, (1994) e Wellman (1997), Pimentel (2008), Souza (2016) e Santos (2002).

Segundo Cerqueira e Silva (2011), a sociedade é, e sempre foi, organizada em rede, sendo, cada pessoa, um ponto que se conecta a outros pontos, independente de classes e grupos sociais. Os avanços tecnológicos potencializaram essa conexão, principalmente a Internet, que segundo Batista (2011), é utilizada como sites participativos e de autoexpressão onde membros/participantes expõem, discutem, revelam suas vidas pessoais, atividades, esperanças, sonhos e até mesmo fantasias, para que os outros vejam e até mesmo se maravilhem. De acordo com Torres citado por Souza (2012. p. 16) “essas redes garantem a sensação de proximidade das pessoas e estão em constante transformação, devido ao seu caráter colaborativo.

A *internet* acabou sendo uma evolução das maneiras do ser humano se comunicar, permitindo que o homem cometa atos ilegais, produzindo mensagens com conteúdos prejudiciais, que viola direitos dos demais usuários (Silva et al, 2011). Pode-se perceber tais violações através dos posts produzidos e compartilhados nas redes sociais, que evocam e incitam posicionamentos preconceituosos. Percebendo-se assim que há presença de um tipo de discurso, que segundo Pimentel (2008, p. 350) é tido como: “O universo onde se encontram as estratégias de dominação, persuasão, adotadas pelos meios de comunicação”.

As imagens mesmas que foram utilizadas na presente pesquisa com o intuito de fazer com que os estudantes relatam suas opiniões sobre esses argumentos, um bom exemplo é a quinta questão do questionário que aborda um caso de uma mulher negra que foi vítima de comentários ofensivos (que será visto mais detalhadamente a seguir).

O discurso, elemento constantemente presente nas redes sociais, utilizado para construir representações, pode ser visto como parâmetro básico para formação da identidade, que segundo Hall (1997) torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Um tipo específico de discurso evidente nas redes, é o de ódio, esse discurso se caracteriza por estimular a discriminação contra pessoas que fazem parte de um grupo minoritário ou estereotipado por características específicas, tais como a cor da pele, o gênero, a opção sexual, a nacionalidade, a religião, entre outros. A disseminação desse tipo desse discurso foi intensificada pelas redes sociais, e seu efeito não só atinge os direitos essenciais de indivíduos, mas de todo um grupo social. Como exemplo pode-se relacionar o termo homofobia que é definido como:

Rejeição à homossexualidade. Mesmo que seu componente primordial seja, efetivamente, a rejeição irracional e, até mesmo, o ódio em relação a gays e lésbicas. É designado ainda como a manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irredutível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. (Borrillo, 2016, p. 29)

Acaba por posicionar os gays em uma situação particularmente vulnerável, já que usufrui da triste realidade da homossexualidade ter sido vista, durante os últimos dois séculos como pecado, crime e doença: mesmo escapando à Igreja, ela acabava caindo sob a influência da clínica médica. Essa crueldade deixou marcas profundas nas consciências de gays e lésbicas, a tal ponto que eles (as) integram, frequentemente, a violência cotidiana - de que eles (as) são as primeiras vítimas – como se fosse algo inevitável, vem a cair no conformismo de ser “normal”.

Segundo os preceitos foucaultianos, toda essa sujeição a esses indivíduos, mudam a maneira de pensar sobre si mesmo, conseqüentemente por conta das formas modernas de

dominação social que vem a se relacionar com o termo “influência” que é abordado por Santos (2012), no qual afirma: “Influenciar é criar parâmetros determinantes e decisivos, atuantes e dinâmicos em processos e situação de basilar importância tanto para o indivíduo como para a sociedade como um desdobramento macrocosmo o desse mesmo indivíduo” (Santos, 2012, p. 6).

Nesse sentido, fica nítido a oposição a presença da manipulação midiática que pode afetar o indivíduo de duas formas distintas, através da aceitação inconsciente deste padrão ou através da marginalização, discriminação e preconceito por estar fora do padrão “normal”, que pode acabar obrigando-o a adaptar-se ao padrão por força maior, mesmo que isso contrarie seus princípios.

Como é descrito por Borrillo:

No mundo social, toda a gente gosta dos homossexuais em geral - inclusive, muitas pessoas têm amigos homossexuais em particular. Entretanto, ninguém iria ao ponto de defender a igualdade das sexualidades, proposição radical que esbarra no senso comum: mesmo que nada exista de anormal na homossexualidade, cada um de nós sabe que o casamento ou a filiação reconhecida aos casais do mesmo sexo não seriam considerados uma situação normal (Borrillo, 1999).

Outro preconceito que pode ser observado nas redes sociais é o machismo, definido como: “um sistema de representação simbólica, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e mulher” (Drumond, 1980, p. 82).

Outro fato bastante presente e comum nas redes sociais é a predominância de duas representações femininas propagadas pelas mídias: ora como objeto sexual, oprimindo-a a partir de um “padrão de mulher perfeita”; ora como “recatada e do lar”, que precisa cuidar dos filhos, do marido e ainda assim, deixar a casa e a si mesma impecáveis. “As mulheres foram transformadas em objeto de consumo ou em escravas domésticas, deixaram de ser pessoas”, como descreve Chaves (2015).

A “Democracia Racial”, termo que é usado para denominar as relações raciais no Brasil não poderia ser algo tão velado. Hoje em dia, é possível encontrar pessoas que acreditam seriamente que o Brasil é um país de democracia racial, onde, ocorre o mútuo respeito entre as tantas etnias de um país miscigenado, entretanto, mesmo com a tamanha diversidade existente, é viável que possamos perceber o preconceito racial mascarado, por palavras, gestos eventualmente justificados como inocentes e sem intenção. O racismo pelas palavras de Martins:

[...] é o conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças e etnias. É uma doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada superior) de impor dominância sobre as outra. Por fim, é um preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, considerada inferior (Martins, 2014).

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi realizada primeiramente fazendo a leitura e apuração do material bibliográfico referente ao tema, como descrito na seção acima, e foram aplicados questionários nos colégios: Imaculada Conceição e Cônego Jasson, respectivamente nas cidades de Olho d'Água das Flores, Jacaré dos Homens no estado de Alagoas e no Instituto Federal de Alagoas - Campus Batalha, entre março e maio de 2018.

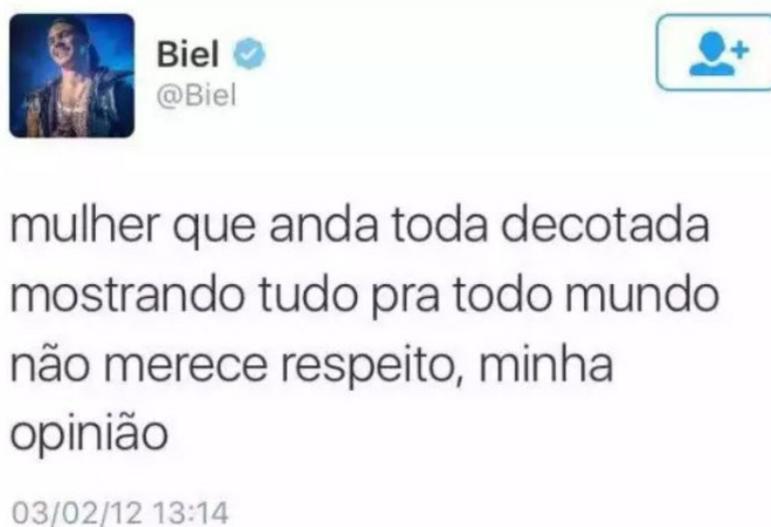
Para a realização deste estudo, separou-se a pesquisa em três etapas para fins metodológicos associando ao uso de materiais como celulares e computadores. Na primeira etapa, realizou-se uma discussão teórica a partir dos artigos compostos pelos conceitos básicos para a pesquisa, como “rede social”, “discurso”, “identidade” e “influência”. Em seguida, discutimos sobre os preconceitos como “homofobia”, “machismo” e “racismo”, observando como eles passam a ser manipulados e propagados pelos recursos midiáticos. Posteriormente, foi-se em busca da seleção de questões que abordam esses respectivos temas.

Sobre a elaboração e divulgação dos questionários, em um segundo momento, desenvolveu-se um questionário online dividido em três seções: a primeira com seus dados pessoais, a segunda composta de nove questões com exemplos de situações ocorridas em redes sociais e a terceira com três questões questionando a experiência própria passada pelo entrevistado. No total resultando em doze questões objetivas e subjetivas:

- 1) Em sua opinião, qual dos três preconceitos citados a seguir, é considerado o pior?
- 2) Qual dessas redes sociais, acredita que se vê de forma mais forte esses preconceitos?
- 3) Prints dos tweets do cantor Biel, datados entre 2011 e 2012 com certos comentários, voltam a tona e passam a viralizar (figura 1). O que acha a respeito do posicionamento do cantor Biel?
- 4) Recentemente se teve muitas repercussões a respeito do episódio ocorrido com Titi, filha do casal Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank (figura 2). Bruno Gagliasso então decide tomar uma providência e denuncia ofensas raciais publicadas contra a filha. Qual sua opinião a respeito do episódio? O que achou do direcionamento tomado em um dos comentários? E a medida de Bruno?
- 5) Maria Júlia Coutinho, a Maju, é vítima de comentário no Facebook (figura 3). Seus amigos de trabalho então, resolveram se manifestar a respeito. Qual sua opinião a respeito desse incidente? E a respeito dos comentários?
- 6) "Para vocês que são preconceituosos e estão aí me seguindo: Eu ainda vou fazer muitas viagens esse ano, vou postar muitas fotos com o Thales, porque eu vou ser viado até o último dia da minha vida e vocês vão ter que respeitar". Há alguns meses, o humorista Paulo Gustavo sofreu ataque homofóbico na internet e se posicionou a respeito. Qual sua colocação a frente da atitude tomada por ele?

- 7) Abaixo se encontra um vídeo do youtube baseada nos exemplos do vídeo abaixo, você já esteve num relacionamento abusivo ou conhece alguma mulher que esteja? Que atitude você tomou/tomaria nessa situação?
- 8) “Todo dia a gente consegue quebrar uma barreira diferente, seja dentro da nossa casa, seja na escola, seja na rua ou na própria sociedade mesmo. Com isso, eu acho que a nossa voz ficou muito alta, muito ativa. Que bom que a nossa voz está sendo ouvida. Acho que isso está deixando algumas pessoas muito enfurecidas de alguma forma.” Com base nesse argumento dito por Pablo Vittar, qual sua opinião em relação ao grande crescimento do movimento LGBT diante da sociedade?
- 9) Considerando as situações listadas anteriormente, marque qual ou quais são as mais importantes para você.
- 10) Já foi vítima de algum preconceito (machismo, homofobia e racismo)? De que tipo? Como reagiu?
- 11) Você já observou algum preconceito em mídias sociais? O que você fez ou deixou de fazer nessa situação?
- 12) Você já se envolveu em alguma situação preconceituosa nas redes sociais? Se sim, de que forma?

Figura 1. Postagem do artista Biel na rede social Twitter



Fonte: <https://www.sensacionalista.com.br/2016/08/02/15-tweets-racistasmachistas-e-homofobicos-que-podem-acabar-com-biel/>

Figura 2. Apanhado de comentários na rede social Facebook sobre Maria Júlia Coutinho



Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/mpaprende-provas-por-crimes-de-racismo-contramaju-coutinho-18266923>

Figura 3. Postagem e comentário na rede social Instagram sobre Giovanna Ewbank



Fonte: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,internauta-posta-comentarios-racistas-contragaby-amarantos-e-titi-filha-degiovanna-ewbank,10000087247>

Realizou-se a aplicação e a divulgação do questionário online, totalizando 35 entrevistados de diferentes idades, escolas e localidades. Essa etapa é considerada fundamental para obtenção dos resultados.

Produção de gráficos e análise das respostas: com todas as informações adquiridas na corrente teórica, realizou-se a seleção de dados, bem como a elaboração de gráficos e análises possíveis, observando e questionando o comportamento apresentado em cada resposta, assim como o suposto posicionamento de cada entrevistado e contrariedades ao longo de seus argumentos.

Resultados e Discussão

Fragmentou-se o número de questões de acordo com os membros da pesquisa, observando e questionando o comportamento apresentado em cada resposta, assim como o suposto posicionamento e ressalta tomada por cada entrevistado ao longo da entrevista que é o que se detalha a seguir.

É interessante ressaltar que as duas questões que abordam o racismo, preconceito esse que foi considerado o pior dentre os outros com relevância de 57,1%, foram retiradas do *Facebook*. Como pode-se perceber, 54,3% dos entrevistados acreditam que essa é a rede social que se tem mais recorrência de episódios preconceituosos.

Quando se trata da análise da sexta e oitava questão do questionário, por exemplo, percebeu-se que dos trinta e cinco entrevistados relatam como destaque maior a maneira como está se tendo uma relevância positiva ao crescente espaço que ultimamente a comunidade LGBT está obtendo na sociedade. Em que inclusive o apoio de ícones representativos como Pablio Vittar e Paulo Gustavo, cooperam de forma significativa. Sendo assim, dois dos entrevistados demonstraram convencimento de que preconceitos do tipo sempre irão existir, contrariando outros dois que são esperançosos que poderá ser destruído em um todo. E por fim algo proveitoso de observar-se foram os que relataram que só agora os LGBT's abriram os olhos e foram em busca da sua aceitação, como na oitava questão o entrevistado 1 deixa claro. Ou até mesmo os que questionaram determinados padrões como na sexta questão, onde o entrevistado 3 especifica.

Entrevistado 1: “Chega de se esconder, chega de se reprimir pelo que sentimos, chega”.

Entrevistado 3: “Sair dos padrões, de que o homem pertence à mulher e vice-versa, assusta. O medo gera ódio. Por isso, assim como o Paulo Gustavo, devemos mostrar que ser gay, lésbica, trans, queer e bissexual é totalmente normal. Ser LGBTQ é também resistir”.

A partir da fala do entrevistado 1, pode-se supor que ele foi vítima desse preconceito e essa experiência despertou o sentimento de revolta, reivindicando a voz da comunidade LGBTQ+, frequentemente reprimida pela sociedade. Em contrapartida, o entrevistado 3 rebela-se contra o conceito de normalidade imposto pelos grupos sociais, destacando que o “diferente” gera espanto, que, conseqüentemente, causa o ódio.

Em contraposição, um outro entrevistado citou que o ator Paulo Gustavo deveria ter outras preocupações. Por ser um artista famoso, é comum acreditar que ele tenha milhares de elogios diariamente nas suas redes sociais, dessa forma se incomodar com a opinião negativa de seus seguidores não é necessário, já que independente de suas atitudes, sofrerá julgamentos:

Entrevistado 4: “Acho que pessoas perdem muito tempo respondendo xingamentos que sempre vão existir seja qual for sua cor ou sua profissão, do que agradecendo quem os elogia e apóia todos os dias.”

Dois dos outros entrevistados 5 e 6 destacaram-se ao relatar suas experiências pessoais com relação à homofobia:

Entrevistado 5: “eu nunca fui a favor, confesso... teve um tempo que não gostava achava ridículo, mas, ainda bem comecei a conviver com pessoas que me ensinaram muito sobre o assunto e abriram minha cabeça e me mostraram que eu não preciso aceitar e sim ter respeito e é isso que eu faço, tenho respeito, e muito. até pq já li muitos relatos mostrando os preconceitos e agressões que eles sofriam apenas por ser a pessoa que eles querem e se sentem bem, e cara, ninguém devia passar por isso, ninguém mesmo.[...]”

Entrevistado 6: “Sim, fui vítima de homofobia e me retirei imediatamente do lugar em forma de protesto, procurei a justiça mas infelizmente não existem leis contra o tipo de homofobia sofrido.”

O que vemos a partir das falas dos entrevistados 5 e 6 é que os dois narram experiências próprias relacionadas a homofobia. O entrevistado 5 levantou seu argumento a partir de uma experiência própria: a princípio, ela confessa que achava relações homoafetivas “ridículas”, e que é algo do qual ela se arrepende, o que pode ser visto pelo destaque dado às palavras “ainda bem”, reforçado pela entrevistada pelo uso de caixa alta em sua resposta. Porém, ao dizer “eu não preciso aceitar e sim ter respeito”

denota tolerância, não aceitação, das relações homoafetivas. O que parece preocupar a entrevistada é menos a situação de homoafetividade e mais o preconceito em si e como. Como ela diz: “ninguém devia passar por isso, ninguém mesmo”.

Do mesmo modo, o entrevistado 6 também traz uma abordagem pessoal: se retirou do lugar ou “em forma de protesto” e “[procurou] a justiça”, mas não obteve resultado, chegando a declarar que “não existem leis” contra homofobia. O entrevistado talvez esteja se referindo ao Projeto de Lei 122, que pretende criminalizar a homofobia, mas encontra resistência em sua aprovação. Há uma certa resignação na fala do entrevistado 6, como se não pudesse fazer muita coisa além do “protesto”.

Quando questionados sobre o machismo, tendo como exemplo a nona questão, ficou perceptível um conformismo por parte dos entrevistados, já que a maioria “favoritou” questões relacionadas ao racismo e a homofobia como piores que as questões associadas ao machismo. Também na questão três, que retrata um comentário machista escrito pelo cantor Biel na rede social Twitter, ficou claro o convencimento de alguns entrevistados de participar de uma “sociedade preconceituosa”, tendo isso como normalidade, apesar de não apoiarem a atitude do Biel. Isso pode ser visto no entrevistado 10, que ressalta:

Entrevistado 10: “Ele foi infeliz ao falar isso, né, só mostra como os adolescentes crescem em um ambiente em que são expostos a diferentes níveis de falácias e reproduzem isso para ganhar status social”.

O discurso, elemento evidenciado na fala do entrevistado anterior, pode ser pensado como parâmetro básico para formação da identidade, que segundo Hall (1997) torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Quanto à forma das pessoas expressarem suas opiniões, os entrevistados 3 e 4 tomam posições diferentes. Enquanto o entrevistado 3 justifica que preconceito não é aceito como opinião, o entrevistado 4 acaba por direcionar-se de forma neutra, já que não argumenta nem contra nem a favor:

Entrevistado 3: “principalmente quando o seu preconceito mexe com a vida de tantas pessoas, mata, exclui e segrega pessoas em todo nosso país”.

Entrevistado 4: “expressa uma opinião dele, nada mais”.

O entrevistado 5 defendeu a liberdade feminina o que pode ser visto pelo destaque dado às palavras “liberdade” e “iguais” de forma ativista, já o entrevistado 7

discordou fazendo um apelo ao discurso religioso com a utilização de versículos da Bíblia:

Entrevistado 5: “Mulheres PODEM e DEVEM usar o tipo de roupa que as deixam mais a vontade da maneira que cada uma gosta de se vestir. [...] Fico indignada quando eu vejo pessoas rotulando mulheres por causa das suas roupas, como se isso fosse uma justificativa para a falta de respeito que leva as pessoas (em sua maioria homens) a abusar, a assediar e até mesmo chegar a estuprar [...] nós só queremos o que é nosso de direito, A LIBERDADE de se vestir sem ser rotulada e os tais direitos IGUAIS que todos ouvimos falar mas ninguém sabe por em prática.”

Entrevistado 7: “Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em trajés honestos (1 Timóteo 2:9-10) / A mulher graciosa guarda a honra como os violentos guardam as riquezas (Provérbios 11:16) A modéstia vem de uma beleza interior, que é reflexo da vida com Seus (1 Pedro 3:3-4)”.

As questões 4 e 5 abordam o tema racismo, exemplificado em comentários preconceituosos nas redes sociais de pessoas famosas do país. A quarta questão trata do incidente sofrido pela filha adotiva do casal Gagliasso, na qual se pergunta a opinião das pessoas sobre um comentário do mesmo ponto de vista.

Relacionado a isso, grande parte das pessoas demonstraram indignação por ainda existir indivíduos que julgam outros pela cor da pele, afirmando que lugar de "preto" (como a pessoa que fez o comentário se expressou) é onde ele quiser. Associando também à sociedade brasileira como preconceituosa, criticando-a e considerando-a hipócrita, por maximizar coisas sem fundamentos e de cunho preconceituoso no lugar de dar valor aos reais problemas do país.

Entrevistado 1: “[...] Nesse país sempre a cor, a classe social, a religião e a opção sexual vão ter mais valor (destaque) do que caráter. Vejo pessoas hipócritas que apontam a sociedade coisas irrelevantes enquanto Brasília foge do foco. [...] O problema é o foco, pois ele não deve ser em pessoas "diferentes", porque as que consideramos normais estão acabando com o país enquanto a sociedade dá uma de falsa moralista de bons costumes”.

A quinta questão refere-se a jornalista e apresentadora climática Maria Júlia Coutinho, que também sofreu com comentários racistas nas redes sociais por ter iniciado seu trabalho no Jornal Nacional da Rede Globo. Em meio a esse contexto, o entrevistado 2 enfatiza como o racismo está presente na sociedade, de uma forma a não surpreende-lo mais. Suas alegações giram em torno da democracia racial, que considerando a miscigenação presente no país, na teoria se tornaria amplamente aceita entre os brasileiros de todos os grupos sociais, porém não é bem isso que é visto na prática.

Entrevistado 2: “Mais uma demonstração de racismo da sociedade brasileira, que ilusoriamente é dita como extremamente tolerante com a variedade do país [...]”.

É perceptível entre os entrevistados 8 e 6 uma discordância quanto ao sistema de cotas no Brasil, cujo o entrevistado 8 defendeu a partir de argumentos de qualidade sociohistórica para enriquecer seus fundamentos. Enquanto o entrevistado 6 criticou através de argumentos uma posição sociopolítica, defendendo o Estado e a importância da política para a sociedade. Ambos adotam reflexões sociais em fundamento de suas opiniões e posicionamentos sobre o assunto.

Entrevistado 8: “Nós sabemos que o histórico socioculturais dos negros advém desde muito tempo. É ridículo pensar que em pleno século XXI alguém seja contra o sistema de cotas para os negros, e mais ridículo ainda pensarmos que se um negro está em um cargo elevado (o qual ainda está abaixo dos cargos dos brancos) teve algum sistema que o colocou ali, e não pura e somente sua inteligência. [...]”

Entrevistado 6: “[...] É triste que em uma sociedade em sua maioria tão moderna, atualizada em questões raciais, ainda existem pessoas que dividem tanto a sociedade em raças e etnias, penso inclusive que políticas de inclusão para negros, são uma forma de racismo, a culpa é também do estado, o estado tem formado racista, sou pela equidade e não pela igualdade, pode parecer contraditório se pela equidade e ser contra política de cota, mas esse é meu posicionamento.”

Nos casos a seguir, os entrevistados fazem relatos pessoais a respeito de experiências envolvendo o racismo. O primeiro baseia-se no comentário de uma criança, evidenciando, assim, como o discurso é ideológico e, conseqüentemente, persuasivo. Já o segundo entrevistado expõe as marcas que esse preconceito pode trazer para a vítima.

Entrevistado 5: “[...]Tenho um exemplo muito grande disso... Minha prima de 8 anos, chegou pra mim e disse: "L. que bom que você e seu irmão são branquinhos, por isso são bonitos" na hora não falei nada, pq ainda estava impactada com o que tinha escutado, mas mais tarde ela falou de novo "L. não tomo café preto, só café com leite, pq ele fica bem branquinho" nessa hora eu sentei ao lado dela e perguntei pq dela ta falando aquilo e ela simplesmente disse "pq preto é feio e branco é bonito"... eu olhei pra ela e comecei a explicar que não era daquele jeito e tudo mais...”

Entrevistado 11: “Eu sou negra e já sofri muito racismo, e pode ter certeza, marca profundamente e eternamente!”

Como é enfatizado em: “marca profundamente e eternamente!”, em que quis destacar a intensidade do sofrimento causado por esse preconceito.

Conclusões

Pode-se concluir com a coleta dos dados que se tem muito que refletir e conscientizar a respeito dos preconceitos abordados que são uma problemática que através das mídias de entretenimento, principalmente redes sociais, vem a tomar um espaço cada vez mais dominante no cotidiano dos jovens. Rede social essa que vem a criar as demandas, orienta os costumes e hábitos da sociedade, além de definir estilos, bordões e discussões sociais, algo que consequentemente não se pode deixar de lado.

Com essa certificação, a pesquisa foi importante ao passo que trazia questionamentos como o que de fato vem a ser considerado “normal” ou “convencional”, quando se diz respeito aos padrões comuns de comportamento que atuam diretamente na mente coletiva e interferem em todos os jovens, em menor ou maior escala. Já o que é posto como “convencional” é mais facilmente aceito e muitas vezes passa por cima do julgamento consciente individual, ou seja, não paramos para pensar sobre a questão.

Antigamente, o padrão de normalidade era um âmbito mais regional, de cultura local. Mas com a chegada das mídias modernas e a globalização, veio a tomar proporções maiores, uma cultura verdadeiramente planetária. Só que nem sempre o que é considerado “convencional” é o correto, moral, ético ou mesmo o melhor para o jovem ou para a sociedade.

Sendo assim, os questionários foram importantes para avaliar que o jovem também vem a sofrer com o preconceito e esse fato influencia na visão crítica que ele possui sobre o mesmo, isso não significa que ele esteja imune a ter posicionamentos inconscientes, seguindo o que é estabelecido socialmente.

Frente a essa problemática busca-se dar continuidade a pesquisas futuras, com aplicação de um maior número de questionários online, como também incluindo entrevistas presenciais em busca de aprofundar a discussão, ampliando a diversidade de experiências vivenciadas pelos jovens ao serem absorvidos dentro dessa realidade midiática. Além disso, tem-se como intuito investigar e propor formas de conscientização desse público quanto a importância da construção de uma visão crítica e não manipulável.

Desta forma, percebe-se que embora as redes sociais seja uma importante forma de socialização e entretenimento das pessoas, há indicativos de que é necessário fazer um debate sobre essa temática. Frente a essa problemática busca-se dar continuidade a pesquisas futuras, com a aplicação de mais questionários em diferentes escolas onde surgem novos paradigmas sociais negativos como homofobia, machismo e racismo e reações positivas como a incorporação de grupos minoritários antes marginalizados pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: História e Crítica de um Preconceito*. Autêntica Editora.
- Chaves, F. (2015). A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.
- Drumont, M. P. (1980). *Elementos Para Uma Análise do Machismo*. Perspectiva.
- Hall, S. (1997). *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. DP&A.
- Souza, D. O. (2016). *As Relações Públicas e o Gerenciamento das Redes Sociais: Grandes Empresas Lidando com o Discurso Homofóbico* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.
- Wasserman, S., & Faust, K. (1994). *Social Network Analysis: Methods and applications*. Cambridge University Press.
- Wellman, B. (1997). An Electronic Group is Virtually a Social Network. In: Kiesler, S. (org.) *Culture of Internet*. (pp. 179-205). Lawrence Erlbaum.